

Pedro Trigo, SJ



PAPA FRANCISCO

EXPRESSÃO ATUALIZADA DO
CONCÍLIO VATICANO II



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trigo, Pedro
Papa Francisco : expressão atualizada do Concílio Vaticano II / Pedro Trigo ; [tradução Paulo F. Valério]. -- São Paulo : Paulinas, 2019. -- (Coleção Bispo de Roma)

Título original: El Papa Francisco, expresión actualizada del Concilio Vaticano II

Bibliografia.
ISBN 978-85-356-4525-5

1. Concílio Vaticano (2. : 1962-1965) 2. Espiritualidade 3. Francisco, Papa, 1936- 4. Igreja Católica - Doutrinas 5. Religião e sociedade 6. Salvação 7. Teologia dogmática I. Título. II. Série.

19-26558

CDD-262.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Francisco, Papa : Atualizador do espírito e da proposta conciliar :
Igreja Católica 262.13

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Título Original da Obra: El Papa Francisco, expresión actualizada
del Concilio Vaticano II – © Pedro Trigo

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
João Décio Passos

Tradução *Paulo F. Valério*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Projeto gráfico: *Jéssica Diniz Souza*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem de capa: © *L'Osservatore Romano*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

Sumário

1. Enfoque deste estudo 7
2. Proposta conciliar 11
 - 2.1 Encarnação kenótica: salvar o mundo a partir de dentro e de baixo 11
 - 2.2 Espaço da salvação: a vida histórica 17
 - 2.3 A partir de Jesus de Nazaré, que, com sua vida, revela-nos Deus e o ser humano ao mesmo tempo 18
3. O Papa Francisco, atualizador do espírito e da proposta conciliar 19
 - 3.1 Vida carismática: degelo do inverno eclesial 19
 - 3.2 Uma expressão essencial de sua liberdade carismática, condição de possibilidade de tudo o que vem fazendo: não dar por estabelecida nem a imagem do papa nem seu desempenho concreto 24
 - 3.3 Não uma figura icônica, pertencente ao âmbito sacral, mas um ser humano imerso na vida histórica, encarnado, para transmitir, a partir de dentro, a humanidade fraterna de Jesus 26
 - 3.4 Sair, estar em missão, não como um agente, mas como o que é específico do papa como cristão por antonomásia, ou seja, como seguidor e, como tal, representante de Cristo 40
 - 3.5 De uma Igreja de portas fechadas a uma de portas abertas, de saída, a caminho, para encontrar-se, para encontrar Cristo e para entregá-lo 51

- 3.6 Dentro e embaixo, com relações profundas com os pobres e, conseqüentemente, acusando esse sistema fetichista que os produz 61
- 3.7 A lógica da encarnação o leva a inteirar-se dos problemas e a ocupar-se deles na medida em que afetam a humanidade, a partir do paradigma de Jesus 71
- 3.8 Rumo a uma Igreja pobre dos pobres 132
- 3.9 Não reforma disciplinar, mas uma verdadeira conversão da cabeça e do corpo eclesial à humanidade que Jesus tornou presente, para que chegue a mudar a instituição a partir de dentro 138
- 3.10 A partir da situação de minoria, assumida, sem complexo, como desafio cotidiano, como situação de “martírio”, de testemunho árduo e alegre 165
- 3.11 O motor de tudo é o encontro com Jesus de Nazaré e a entrega a ele 173
- 3.12 Jesus é encontrado nos pobres: eles são a carne de Cristo 184
- 3.13 Jesus fala-nos nos Evangelhos; precisamos alimentar-nos deles, e eles são o tesouro que temos de passar adiante 195

Enfoque deste estudo

O que vamos expor a seguir não se trata de mero exercício acadêmico. O tema tem muita importância, principalmente para os que pensamos e sentimos que o Concílio Vaticano II foi um verdadeiro Pentecostes, no sentido mais forte da palavra, uma efusão do Espírito de Jesus sobre a Igreja, não somente sobre a hierarquia que o realizou, mas sobre todo o povo de Deus e, em certa medida, sobre o mundo. Esse acontecimento conciliar não foi algo meramente conjuntural, mas tem uma envergadura histórica. É um acontecimento tão profundo, tão essencialmente evangélico, que expressa o desígnio de Deus para muitas gerações.

Contudo, tanto por sua novidade em relação ao que existia como porque o Evangelho é um caminho estreito, no sentido de oculto, para os que vivem no comodismo, e que implica sempre algum tipo de cruz, ele está muito longe de ter sido recebido pela Igreja. Parte da geração dos que o constituíram, bem como parte da dos que crescemos nele (embora tivéssemos sido educados em outra visão cristã bem diferente) e parte da dos que foram introduzidos no Cristianismo posteriormente, não se abriu a suas propostas, aliás, fechou-se expressamente a elas. Hoje, a maioria dos cristãos as desconhece, seja diretamente, porque nunca leram seus documentos, seja indiretamente, porque nunca lhes foi apresentado nem seu conteúdo nem seu espírito como a boa-nova de Deus que estes representam para nosso mundo e nossa Igreja.

Por isso, Deus pede-nos terminantemente que recebamos o Concílio a partir de nossa realidade atual. Em grande medida, aqui está em jogo a fidelidade dos cristãos ao Espírito de Jesus de Nazaré e, portanto, sua fecundidade histórica e, nesse sentido preciso, a importância da Igreja. De fato, se o sal perde o sabor, serve apenas para ser pisado com desprezo pelas pessoas.

Nessa conjuntura tão decisiva, se o Papa Francisco tem assimilado o Concílio a tal ponto que dele flui como o que lhe é mais autêntico, isto é uma boa notícia para a Igreja e também para o mundo. Essa é a hipótese que vamos desenvolver.

O pressuposto pessoal do que direi é que me sinto interpelado pelo papa e creio que, o que sinto, sentem-no muitos outros cristãos que procuram viver sinceramente a partir do santo Evangelho. Não me sinto apenas interpelado. De modo mais profundo, o que Francisco faz e diz me proporciona alegria. Por tudo isso, parece-me que esse falar e esse agir provêm de Deus. Esse discernimento está na base do que direi. Essa é a razão por que escrevo com crescente admiração por essa irrupção de Deus, inesperada para mim.¹ Escrevo com convicção e gratidão ao mesmo tempo.

Nosso modo de proceder será o seguinte: perguntarmos até que ponto o Papa Francisco assimilou o Concílio. Para isso, em primeiro lugar, retrataremos brevemente os eixos estruturadores do Concílio; em seguida, indagaremos amplamente até que ponto são os eixos estruturadores do

¹ *Una Iglesia pobre para los pobres. ¿Adónde nos lleva el sueño del papa Francisco?* RLT 90 (setiembre-diciembre 2013) 247-262.

ministério de Francisco e, mais do que isso, de sua espiritualidade.²

Essa maneira de proceder pressupõe que se possam determinar com objetividade quais são os eixos em torno dos quais gira o Concílio. Essa pressuposição pareceria posta em dúvida pelos alarmas enviados de quando em vez no passado, a partir do Vaticano, sobre o perigo de interpretar mal o sentido do Concílio.³ Cremos que houve ênfases unilaterais; no entanto, acreditamos muito mais que o sentido do conjunto não deixa dúvidas não apenas para um investigador imparcial, como também, ainda mais, para quem se tenha aberto desde o começo para o Concílio como acontecimento e como documentos, e tenha procurado honradamente meditar por muito tempo diante de Deus os documentos, a fim de recebê-los a partir da fé da Igreja, vivida em pacífica posse. Começamos, pois, sintetizando o essencial da proposta conciliar.⁴

² Como o material é inapreensível, utilizaremos principalmente os discursos, mas somente até junho de 2015.

³ Já assim desde o sínodo de 1985; cf. Trigo, *El Sínodo: interpretación del postconcilio desde el concilio-Lectura del concilio desde el postconcilio*. In: *La Iglesia venezolana en marcha con el Concilio*. Caracas: Publicaciones ITER, 131-159.

⁴ O tema também poderia ser estudado com um enfoque temático: seria preciso juntar as citações que o papa faz do Concílio, tanto as textuais quanto as referenciais, e analisá-las: quais ele escolhe, de que documentos as tira e em quais aspectos se detém, com que frequência cita, seja em relação a outras fontes, seja em relação ao conjunto de seus escritos e alocações, e com que propósito cita, ou seja, se as citações são meramente comprobatórias, isto é, para confirmar o que ele diz (*dicta probantia*), ou realmente inspiradoras do que diz. Creio que esse trabalho seria frutífero e revelador, além de muito apropriado para uma proposta de um curso ou uma tese de licenciatura, ou para a atenção de um estudioso.

Proposta conciliar

2.1 Encarnação kenótica: salvar o mundo a partir de dentro e de baixo

Consideramos que a proposta mais estrutural e de maior profundidade do Concílio é a de contribuir para a salvação do mundo a partir da encarnação solidária nele. Era evidente que o que se propunha antes do Concílio era o oposto: salvar-se do mundo. O mundo estava perdido, e a salvação consistia em levar as pessoas para o âmbito da Igreja, que era o espaço da salvação. Obviamente, não um lugar absolutamente objetivado de tal maneira que, pelo simples fato de encontrar-se na Igreja, já se estaria salvo; ao contrário: era preciso crer no que a Igreja cria, realizar o que ela propunha e participar pessoalmente de seus ritos e sacramentos sagrados. Assim se pertencia não somente ao corpo visível, mas à alma da Igreja, e se participava da salvação da qual, por condescendência de Deus, a Igreja era portadora. Essa proposta entende a salvação como graça de Deus, inteiramente indevida e imerecida, e fora do alcance humano. Esse era o sentido que se dava à palavra sobrenatural.

Em compensação, a proposta conciliar pressupõe que a revelação de Deus não é revelação de verdades, preceitos e ritos, mas acontecimento histórico: Deus não só criou o mundo e nele a humanidade, mas a criou para encetar um

diálogo, sempre livre, embora constante, com ela. O Cristianismo afirma categoricamente que Deus se comprometeu progressivamente nesse diálogo, a ponto de seu Filho único e eterno encarnar-se no mundo. Esse acontecimento único e definitivo implica que, em Jesus de Nazaré, Deus apostou no mundo para sempre. A salvação acontece, pois, a partir do seio da humanidade, na vida histórica, e não no âmbito fechado de uma religião organizada.

O fato de os dirigentes religiosos e políticos o terem rejeitado, deu ensejo para mostrar até onde chegava esse compromisso, porque Jesus não nos abandonou para salvar a própria vida, mas morreu levando-nos a todos em seu coração e pedindo ao Pai perdão para os que o haviam condenado.

A ressurreição significa a aceitação incondicional de Deus daqueles aos quais Jesus ligou sua sorte até morrer como seu irmão. A ressurreição implica que Jesus, desde o seio de Deus, atrai-nos com o peso infinito de sua humanidade, para que possamos revestir-nos desse modo de ser humano (filho e irmão). Nisso consiste seu senhorio. Demais, derramou seu Espírito sobre cada ser humano para que, se obedecermos a seu impulso, possamos ir fazendo, em nossa situação, o equivalente ao que ele fez na dele. Assim, pois, a salvação acontece humanamente, e todos os seres humanos são sujeitos, e não só destinatários dela.

Tanto a atração da humanidade de Jesus como o impulso de seu Espírito são acontecimentos universais e, por si, atemáticos. Expliquemos: Jesus atrai-nos como um corpo celeste atrai o que está em sua órbita. Contudo, em seu caso, não nos atrai por causa de sua massa, mas devido ao peso infinito de sua humanidade. A quem ele atrai? A todos os que estamos em sua órbita, que somos todos os seres humanos.

Atrai-nos a sermos irmãos como ele. Atrai-nos e, assim, nos possibilita ser como ele. Não nos fala, não nos diz seu nome. Destarte, todos os seres humanos somos atraídos por Jesus, independentemente de que o conheçamos ou não. Dado que a fé entra pelo ouvido, isso acontece através de alguém que tenha escutado sua história e acreditado nela, e no-la transmite. O mesmo podemos dizer do Espírito. O Espírito é o que a palavra significa: sopro, alento, ar em movimento. Certamente, não é nada disso, mas essas palavras o evocam. O Espírito move cada um de nós a partir de uma profundidade maior que nossa própria intimidade. Se obedecermos a seu impulso, vamos adquirindo a fisionomia de Jesus, independentemente do que tenhamos ouvido falar dele, porque o Espírito move, não fala.

Por isso a pertinência de caracterizar a Igreja como sacramento dessa salvação. Sacramento quer dizer, antes de mais nada, que a ela foi revelado esse mistério e, além disso, que ela se consagra a que aconteça. Outro modo de dizer a mesma coisa é que é sacramento da unidade do gênero humano, unido, como família de povos, pela vida fraterna das filhas e filhos de Deus, no Filho único e Irmão maior, Cristo Jesus.

De modo que a salvação abarca o ser humano por inteiro e, no desígnio de Deus, todos os seres humanos. Não se refere nem a um aspecto – por exemplo, à salvação da alma – nem a um grupo de seres humanos, os escolhidos, como quer que sejam entendidos. Deus quer que todos os seres humanos se salvem ou, na linguagem de Ezequiel, não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva. A salvação cristã consiste em que cheguemos a ser o que somos: por Deus, em Jesus, já somos seus; pois então, o que ele quer é

que nos aceitemos como tais e, portanto, ponhamo-nos confiadamente em suas mãos e nos entreguemos a seu desígnio de fazer deste mundo um mundo fraterno.

Para isso, temos de vencer tanto o endeusamento individualista, que não reconhece nenhum laço constituinte e que, por isso, desconhece e utiliza os demais, e assim se degrada a si mesmo, quanto o resignar-se a ser meros membros de conjuntos que aceitam suas regras de jogo e tratam de tirar-lhes o maior proveito possível, sem nenhuma solidariedade de fundo. Precisamos vencer ainda mais a situação de pecado criada pelos endeusados e condensada pelos que se entregam a viver essas regras de jogo, aproveitando-se ao máximo da situação.

Nesse jogo, os principais perdedores são os pobres; ainda mais, a esta altura da história, com o grau de desenvolvimento atual dos meios de produção, pode-se dizer que a existência dos pobres expressa, em todo caso, o pecado do mundo, porque é um subproduto, embora não unicamente, das relações de produção e das relações sociais, que são desumanas. Por isso, a salvação do mundo é, mais concretamente, a dos pobres, porque somente quando eles estiverem bem, todos estarão bem, em todos os aspectos, mas, principalmente, quanto à humanidade qualitativa no sentido preciso de qualidade humana.

A vitória da humanidade não se dá com recurso aos expedientes de sempre, definitivamente, impondo-se à força: o dinheiro, o conhecimento técnico-científico, a organização, as armas. A vitória acontece unicamente no exercício desarmado do que somos: colocando-nos, cada dia, mais confiadamente nas mãos de Deus Pai e exercitando, com crescente denodo, a fraternidade: com os pobres, com os

cristãos, com os outros, tanto os desconhecidos quanto os que são considerados adversários. Isso significa vencer o mal à força do bem.

Portanto, poderíamos deduzir que a palavra encarnação não é adequada para referir-se a nosso seguimento de Jesus e à sua missão. Jesus encarnou-se porque não tinha carne. Fê-lo para partilhar a nossa, nossa condição humana. A palavra encarnação tem sentido aplicada a nós que somos, de saída, carne? Sim, tem, se olharmos sua orientação vital: a encarnação não expressa só e principalmente que Jesus é carne *como* nós, mas precisamente que tem nossa carne para estar *conosco* e partilhar conosco, para conviver e para entregar-se, e também para receber; numa palavra, para instaurar a reciprocidade de dons como a alternativa ao contrato, ao comércio, em que cada um busca seu próprio lucro. Por isso, a encarnação deu a medida do compromisso de Deus conosco, até onde chegava sua solidariedade, ou seja, seu tornar-se corpo com a humanidade. Foi *um* da humanidade, *com* a humanidade, entregue totalmente *à* humanidade.

Não se definiu por nenhum dos grupos dos quais fazia parte, nem sequer por sua família. Definiu-se como nosso irmão, visto que veio para fazer desta humanidade a família de Deus, seu Pai. Portanto, estar encarnado é chegar a definir-nos realmente, não apenas intencionalmente e muito menos ideologicamente, como irmão de todos. Isto é, chegar a ser irmão de todos.

É preciso dizer que essa pretensão é absolutamente desmedida: em nenhum coração humano cabem todos os seres humanos. Não é pouco que aí estejam realmente alguns. É impossível que estejam todos.

Em Jesus de Nazaré, somos irmãos de todos. Pelo fato de estarmos todos em seu coração, nele somos irmãos. Ademais, ele e o Pai enviaram a cada coração humano o Espírito de seu Filho, que pode, sim, dilatar nosso coração para que amemos a todos. Por conseguinte, pelo acontecimento de Jesus, todos podemos ser irmãos e somos chamados a sê-lo. Nisso consiste encarnar-nos na humanidade. Um acontecimento realmente transcendente e supremamente humanizador. Só podemos encarnar-nos como participação na encarnação de Jesus. Não está em nossas mãos. Está, no entanto, se ele nos concede participar de sua encarnação. Esta é a graça das graças que temos de desejar e pedir, e que o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo nos quer dar. No-la dá dando-nos o Espírito de seu Filho que nos capacita.

Portanto, tão radical como o encontro com Deus e com Jesus é o encontro com os outros. É uma realidade originária, não é apenas consequência de outras decisões. É algo primordial porque, antes que seja percebido como a missão que o Pai me encomenda como participação na missão de Jesus, é uma decisão do próprio coração, se estiver na verdade, se for autêntico, se estiver sadio, em suma, se se deixa mover pelo impulso interior do Espírito.

Se, para alguém, os demais nada significam, se os apagou de seu coração, se acredita não ter com eles vínculos obrigatórios, se “fecha suas entranhas à sua própria carne” (Is 58,7), não é fácil para Deus remediar esse pecado capital. Somente a consciência de que essa situação solipsista é uma miséria, uma terrível desgraça, um fracasso existencial, pode levar tal pessoa a abrir-se pedindo ajuda, a reconhecer-se enferma e recorrer ao médico.

2.2 Espaço da salvação: a vida histórica

Se nisso consiste o conteúdo da salvação, seu espaço não é um âmbito especializado, não é um recinto sagrado como alternativa ao profano, destituído de qualidade salvífica. O âmbito não é outro senão a vida histórica. Cada aspecto da vida deve ser qualificado, a fim de que transpareça essa condição filial e fraterna, levando-se em conta que é uma vida histórica porque tem de ser não apenas sanada, mas reabilitada, libertada e transformada, para que seja boa condutora da filiação e da fraternidade, em vez de negá-la e, portanto, tornar quase heroica sua realização.

A partir desse conteúdo e desse âmbito, a linguagem não pode ser nem a linguagem esotérica (conhecida somente dos iniciados), dos ritos, nem a linguagem formalizada das leis, preceitos e dogmas. A linguagem própria da salvação cristã precisa ser, como a de Jesus, a linguagem da vida. Contudo, não uma linguagem meramente atestatória: não pode limitar-se a dizer o que se diz. A utilização da linguagem comum precisa colocar às claras a boa-nova, ou seja, que neste mundo e nesta história, há lugar para outro modo de viver, que é verdadeiramente humano. Há de ser uma linguagem que diga o que a ordem estabelecida esconde, que se atreva a revelar sua impostura, e que diga hoje e aqui palavras que enunciam a verdadeira humanidade situada e, desse modo, tornam-na verdadeiramente presente; uma linguagem performativa, que faz o que diz ou, dito em termos bíblicos, a linguagem da palavra criadora e recriadora de Deus. De um modo ou de outro, é mister que seja a linguagem das bem-aventuranças e das parábolas.

Pelo que dissemos, fica evidente que os meios da missão cristã encarnada não podem ser os do poder, não podem

equivaler nem à publicidade nem à propaganda nem, menos ainda, à imposição por ameaça, como faz a ordem estabelecida. A salvação não pode ser levada a bom termo por uma instituição eficiente, no sentido de uma empresa, por meios institucionais. No melhor dos casos, ou seja, na hipótese negada de que só buscaria o bem dos que ela atende e não, igualmente, seu próprio engrandecimento como instituição, seja como for, privaria seus beneficiários da condição de sujeitos. E já dissemos que o sujeito da salvação são os seres humanos, cada ser humano, como pessoa, isto é, como filho de Deus e como irmão dos pobres, dos cristãos e dos outros.

2.3 A partir de Jesus de Nazaré, que, com sua vida, revela-nos Deus e o ser humano ao mesmo tempo

Tudo o que dissemos, dissemos-lo a partir de Jesus de Nazaré, que nos revela, a um só tempo, quem é Deus e quem somos nós. Revela-nos simultaneamente porque nos revela a relação mútua: Deus revelou-se como nosso Pai e, assim, revelou que somos chamados a ser seus filhos. Não nos revelou o que já existia, mas estava oculto. A revelação é acontecimento: ao tornar-se nosso irmão, o Filho único e eterno de Deus fez-nos participar de sua filiação. Em Jesus se revelou a humanidade de Deus, porque em Jesus habita corporalmente a plenitude da divindade. E o que desse modo se revelou é que Deus é amor, no sentido preciso de que é amor infinito, mas unicamente amor. De maneira que nele cabe todo o poder e unicamente o poder que caiba no amor, ou seja, que lhe seja compatível.